

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS**

Shirley de Jesus

ASPECTOS DO DUPLO NA OBRA DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Goiânia, 2022

Shirley de Jesus

ASPECTOS DO DUPLO NA OBRA DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras – Português, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, para a obtenção do título de graduado em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Divino José Pinto.

Goiânia, 2022

Dedico este trabalho à memória de Lygia Fagundes Telles, que me encantou e me inspirou com sua escrita clara e intimista. À minha família e ao meu marido, por todo amor e carinho que recebi durante a elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por permitir que eu tivesse saúde e determinação para ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho.

Aos meus pais e meus irmãos, que me incentivaram a começar e a permanecer nessa caminhada, estando sempre ao meu lado, e a minha sobrinha Elisa, de apenas um ano de idade. Ela ainda não sabe, mas com um simples sorriso me eleva e renova todas as minhas energias.

Agradeço ao meu marido por estar ao meu lado, pela paciência todas as vezes que eu disse que desistiria, por cuidar de tudo e garantir que eu prosseguisse.

Mariany e Yasmin, que estiveram comigo nesses quatro anos de formação, uma amizade que teve início na Universidade e estará sempre presente em minha vida e em minhas memórias.

Ao Professor Dr. Divino José Pinto, por ter sido meu orientador e desempenhar tal função com dedicação e amizade.

À Professora Dra. Elizete, que tanto admiro como profissional e ser humano.

Ao Professor Dr. Átila Silva Arruda Teixeira, por aceitar ser o leitor do meu trabalho.

E a todos aqueles que contribuíram, de alguma forma, para que eu estivesse aqui nesse momento, encerrando esse ciclo, com o coração cheio de amor e gratidão.

“Quero minha marca: é boa? É ruim? É a minha marca. Sim, a arte é uma busca e nessa busca estou empenhada desde a adolescência. Uma luta, e nessa luta há tanto sofrimento, tanta ansiedade. Mas, e a alegria? A celebração que é a obra terminada? Depois, começam as dúvidas, as insatisfações, mas no instante preciso em que acabo um livro, fico bêbada de felicidade. A criação literária é um ato de mistério. E de amor.”

Lygia Fagundes Telles.

RESUMO

Lygia Fagundes Telles, em sua literatura, abrange muitos aspectos relacionados à alma humana. Sua escrita é intimista e profunda, refletindo a contemporaneidade. Seus personagens são evocações de seres humanos que trazem a problemática do dia a dia, com dúvidas, medos e sonhos, que podem sofrer interferência tanto do mundo exterior ou do próprio “eu”, tornando assim um grande ponto de encontro entre duplos, questionando os limites da realidade e refletindo sobre a própria existência humana. O duplo, analisado no presente estudo, foi observado a partir das bases que Angela Sivali Ignatti nos traz sobre a teoria de Georges Gusdorf. Pelo viés histórico-filosófico, a teoria da psicanálise de Sigmund Freud e a abordagem sociológica de Stuart Hall sobre o duplo na arte e na literatura fizemos uma discussão geral sobre o duplo, para depois, procedermos à análise de dois contos de Lygia Fagundes Telles. O primeiro “Antes do baile verde”, publicado no ano de 1970, conta a história de duas mulheres que se arrumam para uma festa de carnaval, em contraste com esse ambiente de expectativas e anseios, encontrasse o pai de uma das personagens no leito de morte no quarto ao lado. O outro conto analisado é a “A medalha” com publicação originalmente no ano de 1978, surge na discussão entre mãe e filha que na véspera de seu casamento está com atitudes desonrosas, trazendo à tona mágoas do passado que afetam tanto o presente e a relação das duas.

PALAVRAS-CHAVE: Lygia Fagundes Telles. Duplo. Conto.

ABSTRACT

Lygia Fagundes Telles, in her literature, covers many aspects regarded to the human soul. Her writing is intimate and profound, reflecting contemporaneity. Its characters are evocations of human beings who bring up dayling life problems, with doubts, fears and dreams, which can be interfered with either by the outside world, or by the “I” itself, thus making it a great meeting point between doubles, questioning the limits of reality and reflecting on human existence itself. The double, analyzed in the present study, was observed from the bases that Angela Sivalli Ignatti, brings us about the theory of Georges Gusdorf, from the historical-philosophical perspective, the theory of psychoanalysis of Sigmund Freud and the sociological approach of Stuart Hall, on the double in art and literature. Based on this survey, we made a general discussion about the double, and then proceeded to the analysis of two short stories by Lygia Fagundes Telles. The first “Antes do Baile Verde”, published in 1970, tells the story of two women who get ready for a carnival party, in contrast to this environment of expectations and yearnings, to find the father of one of the characters in the bed of death in the next room. The other story analyzed is “A Medalha” originally published in 1978, it arises in the discussion between mother and daughter who, on the eve of her wedding, has dishonorable attitudes, bringing up past hurts that affect both the present and the relationship. of the two.

KEY WORDS: Lygia Fagundes Telles. Double. Short Story.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	8
I. O DUPLO E A LITERATURA DE LYGIA FAGUNDES TELLES	10
1.1 O duplo e a passagem da Era mítica para a Moderna	11
1.2 O duplo em Lygia Fagundes Telles	12
II. O DUPLO EM “ANTES DO BAILE VERDE”	15
2.1 O duplo e a sociedade moderna	15
2.2 O duplo na construção identitária	16
III. O DUPLO EM “A MEDALHA”	20
3.1 O duplo e o sentimento de estranheza familiar	20
3.2 O duplo como estranhamento em “A medalha”	22
CONSIDERAÇÕES	25
REFERÊNCIAS	26

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A escritora Lygia Fagundes Telles faz parte do movimento que se costuma chamar de pós-modernismo. Suas obras são de conteúdos diversos que se enquadram na atualidade e nas mudanças que ocorrem no Brasil e no mundo. Esse conceito foi introduzido a partir dos anos 1960 e veio acompanhado dos avanços tecnológicos da era digital, da expansão dos meios de comunicações, da indústria cultural e da globalização.

Em sua escrita Lygia nos oferece um amplo painel do Brasil e mostra-se compromissada com a realidade e as dificuldades enfrentadas pela população, dando foco às mulheres e aos conflitos em que se encontram. Em seus livros percebe-se uma escrita profunda e intimista, seus contos e romances têm relatos mais confessionais, o que destaca ainda mais as características da escritora que possui uma extensa bibliografia. Suas obras são ricas em detalhes e visão interior. Seus personagens buscam uma libertação dos padrões impostos, uma independência, que de alguma forma encontram maneiras de se encararem e de se descobrirem.

Encontra-se na escrita de Lygia textos com caráter fantástico, também havendo suspense, o teor sensual e os aspectos feministas. A autora é inspiração para muitas outras que surgiram a partir da segunda metade do século XX e é a primeira escritora brasileira a ser indicada ao prêmio Nobel de Literatura. Lygia tornou-se a terceira mulher eleita para a Academia Brasileira de Letras em 1987 e, entre diversos prêmios que ganhou no decorrer de sua vida, em 2001 recebeu o Prêmio Camões que foi a consagração de suas obras literárias.

As obras da autora, que abrangem diversas temáticas e contêm narrativas tanto em primeira como em terceira pessoa, são caracterizadas principalmente por uma transformação dos personagens, transformações essas que podem ocorrer tanto no aspecto físico, como também em relação ao caráter ou em seu estado de espírito. No livro **A Metamorfose nos Contos de Lygia Fagundes Telles**, publicado em 1985, Vera Maria Tietzmann Silva destaca essas adaptações como sendo características das metamorfoses dos personagens, que ocorrem de forma geral, indo da força do pensamento, como ele se relaciona ou lida com algo, para a maneira que o personagem é afetado pela sociedade e o seu meio, causando a ele uma pressão emocional. Essa metamorfose também pode ocorrer através da morte e do retorno, tanto do próprio personagem como de uma imagem ou algo que se reflete, sendo exposto e encontrado no transcorrer da narrativa.

Consolidando a afirmativa por nós destacada, Silva evidencia:

A metamorfose dos personagens nos contos de Lygia Fagundes Telles deve ser considerada da maneira mais abrangente possível, compreendendo essa abrangência a metamorfose no sentido ovidiano, ou de transformação física pela alteração da aparência do ser; no sentido goetheano, ou de transformação psíquica pela mudança de comportamento do indivíduo; e no sentido teleológico, ou a transformação última e definitiva do ser vivente, pela ocorrência da morte (SILVA, 1985, p. 38)

Vemos a metamorfose como um ponto principal que caracteriza os contos da autora. Esses aspectos chamam a atenção do leitor para suas narrativas, atizando a curiosidade e prendendo a sua atenção. Seus personagens podem se transformar, se modificarem, evoluírem, de feminino para o masculino, de humano para animal, ir da morte para a vida, ou se identificar com um objeto. Desta forma, a autora trabalha com a imagem do duplo para fazer com que seus personagens encarem seu eu, façam descobertas do que está oculto em si, criando uma identidade e se redescobrimo.

Com bases nessas características, essa pesquisa objetiva identificar o duplo em dois contos da autora Lygia Fagundes Telles. Dividida em três capítulos, “O duplo e a literatura de Lygia Fagundes Telles”, em que será colocado aspectos gerais do duplo e suas características na escrita da autora; “O duplo em ‘Antes do Baile Verde’” é uma análise do conto publicado em 1970; e, por fim, “O duplo em ‘A Medalha’”, narrativa publicada originalmente em 1978 no livro **A Estrutura da Bolha de Sabão**.

I. O DUPLO E A LITERATURA DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Constantemente, quando entramos em contato com algumas obras literárias, peças teatrais ou outras formas de representações artísticas, podemos perceber aspectos que nos remetem a uma dualidade do eu, que podem ser representados de diversas formas, dentre os quais podemos destacar o fantástico, o sobrenatural, o humor produzido por figuras emblemáticas que invadem o nosso imaginário, fazendo com que tenhamos uma dupla interpretação. Mas, não é somente o duplo, na relação do eu com o outro, que está diretamente ligado à nossa sociedade, ao nosso cotidiano, e sim, o duplo que decorre da dualidade do eu consigo mesmo. Dessa forma, é sabido que esse tema já foi teorizado e discutidos por diversos autores renomados, em diversas áreas do conhecimento e das ciências.

A doutora em Literatura Portuguesa e Mestra em Comunicação e Letras, Angela Sivalli Ignatti, escreveu um artigo com base na teoria de três grandes autores falando acerca do duplo e da Construção da Identidade, analisando o viés histórico-filosófico de Georges Gusdorf, a teoria da psicanálise de Sigmund Freud e a abordagem sociológica de Stuart Hall, propondo-se analisar e identificar o duplo na arte e na literatura.

1.1 O duplo e a passagem da Era mítica para a Moderna

Sabemos que o ser humano na Era mítica era dotado de uma existência rústica, que carregava em si características da vida no campo e do cotidiano e os conhecimentos culturais que foram passados por gerações. Com os conhecimentos acumulados no passar do tempo, foi se desenvolvendo técnicas e percepções, fazendo com que aos poucos ele vá perdendo essa existência rústica e aprimorando seu olhar crítico sobre si mesmo e sobre o mundo que o rodeia, tornando-o mais apurado em relação à sociedade e à política. Vale ressaltar que política aqui está relacionada com a arte e com o fazer do bem comum.

Contudo, mesmo o homem adquirindo conhecimento científico e desenvolvendo sua racionalidade, ele nunca estará totalmente desvinculado do mito, porque este continua existindo em sua vida e em sua cultura moderna, sobrevivendo até os nossos dias. Nota-se que a consciência mítica tem um importante papel em seu desenvolvimento, uma vez que ela é responsável por fazer conexão desse homem com seu meio e com a natureza, que ao longo da história foi se adaptando e evoluindo na área do conhecimento técnico, da cultura, de fala, fazendo com que ganhasse autonomia para modificar o seu ambiente, tanto no convívio com a

sociedade, como na relação com a natureza que o cerca, permitindo melhorar e aprimorar os aspectos de sobrevivência e de compreensão. Isso só é possível porque o homem preserva até hoje os elementos míticos.

A esse respeito podemos citar o que diz Angela Sivali Ignatti em seu artigo, quando está discute a teoria de Gusdorf:

O ser humano supera sua existência rústica mediante a técnica, o conhecimento, a política. Porém o universo do mito não desaparece por completo, interpondo-se como um elemento que deixa suas marcas profundamente enraizadas no desenrolar da racionalidade. A consciência mítica tem por função, segundo Gusdorf manter o status quo graças à integração do homem com o meio, enquanto razão rompe esse estado de coisas e autoriza o homem a modificar o seu ambiente, a sua estrutura social e a natureza (IGNATTI, 2009, p. 13)

O que se lê na citação de Ignatti aqui destacada, de fato confirma as nossas assertivas com respeito ao homem que cada vez mais rompe com o mito, embora não consiga o desvincular por completo de sua vida, podendo-se perceber quando mencionado na superação da existência rústica, mas que se mantém enraizadas mesmo com toda evolução e com o crescimento da racionalidade. O mito, de fato, está em nossas vidas, ele é fundamental para o nosso desenvolvimento e aperfeiçoamento, e isso gera o sentido do duplo no homem que ao mesmo tempo está ligado à vida mítica e à vida racional. Mas isso não significa que essas duas instâncias do homem estejam uma contra a outra. Pelo contrário, percebe-se que há um diálogo entre as duas, uma raiz no mundo do mito que vai gerando o mundo da racionalidade.

1.2 O Duplo em Lygia Fagundes Telles

Para adentrarmos nas análises dos contos escolhidos de Lygia Fagundes Telles, faremos aqui uma breve relação do duplo na obra da autora. Com base na Dissertação de Mestrado apresentando à UFG, feita por Vera Maria Tietzmann Silva, observamos os aspectos ideológicos e estruturais que compõem a escrita de Lygia, que através do sobrenatural e do fantástico procura acobertar e revelar verdades plurais dos tempos atuais, com esses aspectos as personagens criadas pela autora usam a metamorfose, que de modo geral permite as pessoas a se multiplicarem com mais facilidade acobertando sua verdadeira identidade, percebendo-se em sua narrativa uma linguagem simbólica, com aspectos que apodera-se da mente humana causando sua inquietação, anseios e frustrações.

Para a autora os contos de Lygia Fagundes Telles, traz a presença do duplo na busca da identidade, do alto conhecimento e do que está oculto no inconsciente de seus personagens,

ou através da libertação de algum estigma do seu passado, sendo assim percebe-se que há um reflexo da personalidade do indivíduo, em que ele se transfigura e se metamorfoseia, Telles faz com que o personagem encare sua personalidade espelhada simbolicamente em alegorias e objetos. Nessa perspectiva, o passado e o presente estão sempre interligados, como podemos ver no tópico destacado a seguir:

Algumas narrativas mostram o protagonista em busca de sua identidade, ansioso por desvendar o mistério que envolve seu passado – que pode ser um passado recente ou longínquo, em outra vida – ou o seu futuro. Seu outro “eu”, sua imagem no espelho, pode se esconder por detrás de séculos, como se observa em “A Caçada” e “O encontro”. (SILVA, 1985, p. 85)

Como podemos ver no destaque acima, Silva menciona que Lygia usa de vários artifícios para que seus personagens encarem suas personalidades e descubram o que está oculto, dentre elas está o reflexo no espelho, ou alguma alteração no ambiente, esses aspectos são bastantes presentes e detalhados pela autora, que tem uma escrita atual e objetiva, fazendo com que o leitor consiga identificar com facilidade essas características que são descritas tão bem por ela.

A sociedade e o meio também são de grande influência para a formação da identidade dos personagens representados por Lygia, além da metamorfose física, nota-se nos contos da autora, uma alteração no comportamento, que transmuta seus personagens de maneira drástica, mas que de certo modo, proporciona a identificação da realidade e isso pode fazer com que ele encontre a libertação que almejava. Essa libertação do indivíduo que pode ser de si mesmo, da sociedade, ou de algo que ele sente que está o prendendo. Desta forma, Silva destaca que essa mudança comportamental descrita por Lygia pode ocorrer de duas maneiras, fazendo com que o personagem encare uma realidade absurda, causando-lhe melhoras, ou essa mesma realidade faz com que ele se torne alguém pior, como destacado por Silva em seu livro:

Mais insistentemente do que a metamorfose física, a metamorfose comportamental atinge um sem-número de personagens da autora, alterando-lhes a conduta de maneira radical. Nesta exposição, por razões de ordem didática, a mudança de comportamento será tomada sob dois aspectos, o da degradação e o da melhora. Considerando que a melhora supõe uma degradação prévia, os dois aspectos revelam-se interdependentes, são o verso e o anverso de uma mesma situação. Por isso, poderiam, ainda, ser reduzidos a um único núcleo – o tema da queda, tão frequente em literatura. (SILVA, 1985, p. 99)

Como mencionado por Silva, para os personagens Lygia erguem-se sempre após terem vivenciado um episódio de degradação, que o reduzirá a zero, ocorrendo isso fará com que ele reflita se identificando e entrando em contato com seu eu interior e após passar por essa mudança ele terá que se decidir se terá uma melhora em sua conduta, mas ao mesmo tempo esse mesmo fato vivenciado por ele pode simplesmente afundá-lo ainda mais na sua tragédia, levando-o a loucura ou até mesmo a morte.

II. O DUPLO EM “ANTES DO BAILE VERDE”

Neste capítulo apresentamos uma análise do conto “Antes do Baile Verde”, de Lygia Fagundes Telles, publicado no ano de 1970 no livro que levou o seu título, observando a sua linguagem com o intuito de perceber as características do duplo realizado por meio do discurso empregado pela autora.

2.1 O duplo e a sociedade moderna.

A exemplo do que ocorre com a contística de Lygia Fagundes Telles nos apresenta em “Antes do baile verde” a dimensão das relações da sociedade moderna. Para demonstrá-lo, recorreremos à pesquisa sobre duplo nas manifestações artísticas realizadas pela autora Angela Sivalli Ignatti, que segue um caminho teórico amplo, sem se perder do olhar sociológico de Stuart Hall, que fala sobre a complexidade da organização da vida humana na contemporaneidade, conforme se destaca nos dizeres de Hall: “A questão da identidade só pode ser compreendida se observarmos as últimas mudanças históricas da sociedade ocidental, como, por exemplo, a construção da modernidade” (HALL, apud IGNATTI, 2009, p.16), deste modo, faz-se uma ligação de todas as teorias já mencionadas conectando o mito, a ancestralidade e a contemporaneidade, gerando a tradição em que o passado e os símbolos são valorizados por dar continuidade as experiências das gerações passadas.

No conto em questão, de Lygia Fagundes Telles, pode-se ver afluída a imensa dúvida que experimentam as personagens ao momento de escolherem entre a festa de carnaval e os cuidados do pai que parecia em seu leito. Vê-se aí uma amostra contundente dos modos de relação próprio das sociedades modernas e contemporâneas que nos apresentam o homem cindido, oscilante entre o desejo e o dever:

— No outro carnaval entrei num bloco de sujos e me diverti à grande. Meu sapato até desmanchou de tanto que dancei.

— E eu na cama, podre de gripe, lembra? Neste quero me esbaldar.

— E seu pai?

Lentamente a jovem foi limpando no lenço as pontas dos dedos esbranquiçados de cola. Tomou um gole de uísque. Voltou a afundar o dedo no pote.

— Você quer que eu fique aqui chorando, não é isso que você quer? Quer que eu cubra a cabeça com cinza e fique de joelhos rezando, não é isso que você está querendo? — Ficou olhando para a ponta do dedo coberto de lantejoulas. Foi deixando no saio o dedal cintilante. — Que é que eu posso fazer? Não sou Deus, sou? Então? Se ele está pior, que culpa tenho eu?

— Não estou dizendo que você é culpada, Tatisa. Não tenho nada com isso, ele é seu pai, não meu. Faça o que bem entender. (TELLES, , p. 52)

No trecho citado, percebe-se essa dualidade presente no estado de hesitação experimentado pela personagem está, ao mesmo tempo, consciente de que precisa cumprir o seu dever de filha, cujo pai se encontra em seu leito de morte, mas que deseja veementemente aproveitar a festa que acontece lá fora, ao lado de seu amado. Ela se vê, portanto, em uma encruzilhada na qual, de um lado, é instigada pela própria consciência a permanecer em casa e, de outro, é tragada pelo desejo imobiliza a sua razão.

2.2 O duplo na construção identitária

A formação da identidade do indivíduo recebe influência diretamente do meio, sendo aquilo que se busca alcançar através da interação do ser com a sociedade na qual está inserido e que sofre influência nos aspectos da personalidade, da identificação com outras pessoas e outras culturas, que vai moldando o e preenchendo o espaço interno e externo, ligando, deste modo, o sujeito ao seu ambiente. O duplo pela teoria de Hall é identificado no fato do sujeito conseguir se modificar e se adaptar assumindo uma identidade em diferentes momentos e ambientes, seguindo rumos e caminhos, se multiplicando e criando uma compatibilidade temporária, para se encaixar e conviver com determinado povo e situação, como destacado por Ignatti a seguir:

Hall baseia-se no pressuposto de que a identidade é formada na interação entre o “eu” e a sociedade de forma a preencher o espaço interior e o exterior da pessoa, tornando-a capaz de alinhar sentimentos subjetivos e ações objetivas (concretização da identidade) desempenhados na sociedade: “A identidade, então, costura, (ou para usar uma metáfora médica “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (IGNATTI, 2009, p. 16)

Vemos aqui a problemática da construção da identidade do indivíduo, atualmente, devido à velocidade que as coisas vão se modificando e alterando, o ser humano tem ainda mais dificuldade de se reconhecer e de se identificar. Ao longo da história o homem criou uma certa divisão no papel da sociedade, mas com o avanço da tecnologia e do acesso à informação esse paradigma vem sendo quebrado, a sociedade evoluiu, as pessoas têm mais conhecimentos e as divisões estabelecidas anteriormente acabam não tendo o mesmo valor de antes, deste modo o homem se desvincula com mais facilidade de seu grupo social, isso faz com que ele se adapte a novas culturas e novos espaços, adquirindo por outras vias aspectos que causam modificação seu eu e a sua identidade.

O título do conto “Antes do baile verde” leva um forte aspecto do duplo, essas características remetem claramente a preferência da autora pela cor e o que ela representa, como destacado por Silva: “O verde, cor ambígua também, que tanto pode representar a esperança e a juventude como a decomposição e a perfídia, espalha-se profundamente por cenários, pessoas e objetos” (SILVA, 1985, p. 49). O conto se passa com foco em duas situações: a euforia das personagens no preparativo e na espera da festa de carnaval; e o ambiente funesto em que se encontra o pai da personagem no quarto ao lado, ambos com expectativas de vida, uma vida juvenil e cheia de anseios e o outro apenas com objetivo de continuar vivo. Com base na escolha da cor, Lygia usa o verde para representar esses dois lados, tanto a esperança constantemente representada por essa cor, como a tristeza que ela remete.

No primeiro parágrafo as duas personagens observam debruçadas na janela o desfile da escola de samba. O narrador expede a um típico cenário de carnavalização onde há a mistura de diversos elementos em que as regras ou padrões morais e ideológicos são esquecidos ou ignorados, onde as pessoas se mascaram e a identidade desaparece, onde se perde a sensibilidade humana, aspecto que faz bastante ligação com o que se passa dentro de casa, porque há alegria, expectativas e com uma única parede de divisão, encontra-se drama e tristeza ambos vivenciadas no mesmo ambiente.

O conto segue no diálogo das duas personagens, Tatisa descrita pelo narrador como jovem, alegre, cheias de sonhos e patroa de Lu, e Lu é descrita como mulher preta, empregada e amiga de Tatisa, que se preocupa muito com o seu companheiro que a aguarda do lado de fora, mas que com a insistência de sua patroa e amiga vai se mantendo em casa e a ajudando com sua fantasia de carnaval. Nas características empregadas no decorrer do conto, tanto na fala das personagens, como na utilização de espaço e objetos, podemos notar, não só, a diferença de idade, como também, a classe social, desde as preferências pelas bebidas e as festas, detalhes esses tão bem descritos por Lygia, que vão surgindo e se entrelaçando no decorrer do conto, como podemos ver destacado no diálogo a seguir:

- Ele gostou de você - disse a jovem voltando-se para a mulher que ainda aplaudia. – O cumprimento foi na sua direção, viu que chique?
A preta deu uma risadinha.
- Meu homem é mil vezes mais bonito, pelo menos na minha opinião. E já deve estar chegando, ficou de me pegar às dez na esquina. Se me atraso, ele começa a encher a caveira e pronto, não sai mais nada. (TELLES, 2008, p. 51)

A discussão das personagens prossegue no entusiasmo da arrumação para a conclusão da fantasia de Tatisa, ambas ansiosas para aproveitar o baile. Neste ponto do diálogo surge uma conversa referente ao pai da jovem que se encontra no quarto ao lado, Lu tenta convencê-la de que ele está nos seus últimos momentos de vida e que a moça deveria ficar em casa cuidando de seu pai. Nesta parte do conto, nota-se um aspecto já mencionado anteriormente em nosso trabalho, destacado por Ignatti baseando-se na teoria de Hall, que é a pressão da sociedade no que diz respeito a relação dela com o pai, onde ela precisaria deixar tudo para acompanhá-lo no leito de morte.

No decorrer da narrativa identifica-se pontos de embate como destacado por Walnice Nogueira Galvão, professora da Emérita da FFLCH-USP, no posfácio “O Olhar de Uma Mulher” (2008, p. 729), que caracteriza bem a escrita de Lygia:

Em terceira pessoa, portanto com narrador neutro e discurso objetivo, esse microcosmo tem como personagens apenas duas mulheres: a moça e a empregada negra, ambas em preparativos para o Carnaval na mesma noite, mas em diferentes festas, enquanto o pai agoniza logo ali no quarto próximo, por trás de uma porta fechada. Há vários embates simultâneos: piedade filial x pai agonizante, empregada x patroa, branco x preto, baile verde x Carnaval de rua, festa x velório – e tudo é englobado pelo embate metafísico entre vida e morte (GALVÃO, 2008, p. 730).

Corroborando com os aspectos por nós destacados anteriormente, o conto, contém expectativas e suspense, expectativas do que se pode concretizar nos anseios das duas personagens em relação a festa a que tanto se produziram, e o suspense do que vai acontecer com o pai da jovem. Tatisa se questiona se deve ficar com seu pai e pergunta a opinião de Lu quanto a isso, ela que dá a entender que se tudo estivesse ocorrendo com seu próprio pai ficaria em casa cuidando dele. Com base nesse ponto, nota-se a aplicada a teoria de Stuart Hall, a personagem se questiona quem ela se tornará se deixar seu pai naquele estado, mas não quer renunciar ao seu momento e sua vida, percebe-se aqui uma adaptação do eu, que quer cumprir com suas obrigações de filha e ser bem vista aos olhos da sociedade, mas que também quer seguir com seus desejos e anseios e viver o hoje e o agora por ser tão jovem, como destacado no trecho a seguir:

- Você quer que eu fique aqui chorando, não é isso que você quer? Quer que eu cubra a cabeça com cinza e fique de joelhos rezando, não é isso que você está querendo? – Ficou olhando para a ponta do dedo coberto de lantejoulas. Foi deixando no saio o dedal cintilante. – Que é que eu posso fazer? Não sou Deus, sou? Então? Se ele está pior que culpa tenho eu? (TELLES, 2008, p. 54)

O desfecho do conto vai surgindo no decorrer do diálogo e da conversa das duas personagens com histórias que se interligam, falando do presente momento, lembram festas passadas e falam do estado de saúde do pai da jovem. O que caracteriza o duplo na personagem Tatisa é sua perda de identidade, aonde ela se desobriga do fato de ter que cuidar do pai doente como uma atitude que é esperada de uma filha com o pai que se encontra no decadente estado de saúde.

Diferente do que se é esperado em relação a atitude da filha, que é ela deixando tudo para passar aqueles últimos momentos com o pai, o conto se encerra, com as duas personagens prontas, Lu e Tatisa, descendo as escadas, abandonando o homem moribundo e a casa descrita tantas vezes como um ambiente funesto e triste, para ir de encontro a felicidade que está porta a fora representada pela festa de carnaval, sendo seguida assim por lantejoulas que caíram da roupa da personagem, como se até mesmo elas, quisessem acompanhá-las e fugir daquele do que se passa no interior da casa.

III- O DUPLO EM “A MEDALHA”

O próximo conto analisado é “A Medalha”, publicado no livro **A Estrutura da Bolha de Sabão**, a primeira vez no ano de 1978, escrito em terceira pessoa, tem como personagens principais a mãe e a filha Adriana, os demais personagens são apenas citados. A narrativa se passa na discussão das duas em relação ao comportamento da moça, que na véspera de seu casamento chega com o dia amanhecendo, embriagada, em que se encontrava com outro homem.

3.1 O duplo e o sentimento de estranheza familiar em “A medalha”

Com base na ideia do duplo que já foi citado anteriormente neste trabalho sobre o mítico e racional, entramos em outro ponto mencionado por Ignatti em seu artigo, agora, principalmente, pelo viés da psicanálise de Sigmund Freud. Para Freud, muito do que se é vivenciado durante a infância reflete no comportamento humano, como destacado por ele em sua teoria da psicanálise, que pode ter ligação especialmente com os sentimentos de amor, perda, sexualidade, morte e outras formas que envolvem atitudes emocionais complexas. Nesta perspectiva podemos perceber o duplo no que nos causa “estranheza familiar”, que para Freud, isso geralmente ocorre porque temos algum grau de familiaridade com determinada coisa, podendo ser ela um objeto, uma pessoa, uma situação, algo que faz parte do cotidiano, que está presente em nossas vidas, mas que em determinado momento nos tiram da nossa zona de conforto causando um confronto de situações com a qual estamos habituados, provocando em nós um sentimento de medo, terror, angústia e sofrimento.

Essas relações temático-estruturais, de natureza social, considerando os núcleos menores como base, a família, por exemplo, são expostas em forma de discurso no conto em questão, de Lygia Fagundes Telles, de forma que nos remete a outros textos que também exploram exaustivamente o tema. Salienta-se, porém, que a originalidade reside exatamente no modo composicional, no tratamento sintático-semiótico que cada texto recebe.

Na literatura a intertextualidade, que é a influência de um texto sobre outro, independentemente de ser escrita de um mesmo autor, usados como modelo ou ponto de partida para uma nova criação, é uma das responsáveis por causar um estranhamento, às vezes o leitor espera um final feliz e se depara com o confronto do eu, pelo afastamento, traição, quando há um diálogo do homem com algo que se reflete dele mesmo, sendo sua

própria imagem em um espelho, ou algo que ele encontre proporcionado a ele esse sentimento de identificação. A autora destaca:

A ideia central discutida nesse artigo de Freud é a chamada “estranheza familiar” [...], a qual se trata da sensação de estranhamento, associada ao medo ou ao terror que comete o indivíduo frente à determinada situação. O pesquisador observa esse sentimento tanto do ponto de vista médico quanto do ponto de vista estético-literário. [...] Essas análises servem para que o próprio Freud adentre nos desdobramentos da questão do estranhamento familiar, retomando a ideia de que se trata de um sentimento, e também um vocábulo, que engendra um dualismo: algo que é estranho, mas que é familiar, que estranhamente aterroriza, mas que é perfeitamente conhecido. (IGNATTI, 2009, p. 14)

Pode-se perceber que a estranheza familiar por Freud mencionada, está ligada a consciência ancestral, que é o sentimento de autoconhecimento que permite ao ser humano enxergar, experimentar e compreender a totalidade do seu mundo interior e o passado por ele já vivenciado, que segundo a autora, Freud destaca que essa consciência “está relacionada com o narcisismo primário da mente da criança, que quer proteger a todo custo o seu ego”, mas quando chega na fase adulta o homem luta para proteger sua personalidade e manter a sua imagem, o ego que é desenvolvido a partir da interação do “eu” individual com a realidade faz com que o homem aja conforme os padrões que são estabelecidos pela sociedade sem deixar de realizar os seus desejos pessoais, assim vai desenvolvendo e criando o seu duplo que pode ser representado de diversos modos como através de imagens, vozes interiores e percepções por ele esculpidas.

Ignatti aponta as semelhanças das duas teorias até aqui mencionadas, que é o mito e a realidade de Gusdorf e a consciência ancestral de Freud:

Ao correlacionar as duas teorias, podemos afirmar que a consciência mítica ou a consciência ancestral criou o duplo que lhe protegia da destruição do ego. A consciência histórica ou a consciência mais desenvolvida passou a proteger o ego pela via de racionalidade, porém de alguma forma, ainda guarda os vestígios da ancestralidade do mito. (IGNATTI, 2009, p.15)

Com base no que foi citado acima, pode-se concluir que para a psicanálise, o duplo é construído através da ancestralidade, do que ele foi, de seus mitos, crenças, culturas, que com o passar do tempo foi se transformando e desenvolvendo em sua consciência crítica em relação as suas ações e as questões que protegiam o seu núcleo de personalidade, desse modo esse duplo surge associado à sua incapacidade de realização dos seus próprios desejos, podendo causar uma imagem sobrenatural que gera terror e medo, imagens refletidas em

espelhos, ou até mesmo espíritos malignos, percebe-se que pega algo que é familiar e faz uma transformação, causando estranhamento no indivíduo.

3.2 O duplo como estranhamento em “A medalha”

Logo no início do conto temos dois aspectos que caracterizam fortemente a questão do duplo na formação e manifestação das questões identitárias do indivíduo. Podemos observar isso, primeiramente, no comportamento da mãe da personagem Adriana, que durante o diálogo das duas, insiste para que a personagem se olhe no espelho, com a intenção não apenas de fazê-la encarar o seu reflexo físico, mas ver refletido seu verdadeiro eu, quem ela realmente é, sua imagem interior, suas atitudes e seu subconsciente, porque ao encarar o espelho os elementos que a personagem tenta deixar oculto são expostos, fazendo com que ela encare seu verdadeiro eu.

Podemos ver esse aspecto destacado no trecho retirado do conto:

- Na véspera do casamento. Na vés-pe-ra, Você já viu sua cara no espelho? Já se olhou num espelho?
- E daí? O véu vai cobrir minha cara, o véu cobre tudo, ih! Tem véu à beça. Vou dar uma beleza de noiva, mãe, você vai ver. Preferia me mete no meu colante preto, mas seu genro é romântico, aquelas ondas... (TELLES, 2008, p. 266).

Não só com relação à imagem refletida no espelho, como também quando menciona sobre o véu, que tem aqui a missão de cobrir, não apenas o rosto da noiva como uma vestimenta para sua entrada no casamento, mas também suas atitudes e a farsa daquele casamento que dar-se á entender pelo contexto, ser de conveniência, o casamento de uma mulher branca, com um homem preto, que fará tudo que ela deseja e ignorá-la as suas atitudes pelo simples fato de estar vivendo com ela. Sobre o véu Silva destaca “Justamente esse véu que “cobre tudo”, encarregado de carregar intacta a aparência de falso candor e felicidade, é utilizado pouco depois para enxugar as lágrimas que a lembrança da primeira frustração amorosa arranca” (SILVA, 1985, p. 108).

Percebe-se na relação das personagens uma mágoa, em que a mãe carrega pela filha um sentimento de rejeição por ela se parecer tanto com o pai já falecido, o que pode justificar suas atitudes rebeldes. A mãe a ataca, falando mal sobre seu pai, o que é entendido por ela como uma grande ofensa, já que ela via o pai como um homem bom, em suas comparações a mãe o destaca como sendo um homem “vagabundo”:

- Cínica. Igualzinho ao pai. Ele ia achar graça se te visse assim, aquele cínico.
- Não fale do meu pai (...) Ele era bom.
- Bom! Aquilo então era bondade? Hein? Um debochado, um irresponsável completamente viciado, igualzinho a você. Imagine bom... Estou farta desse tipo de bondade, quero gente com caráter, sabe o que é caráter? É o que ele nunca teve, é o que você não tem. Na véspera do casamento... (TELLES, 2008, p. 266)

Corroborando a afirmação do parágrafo anterior, podemos destacar o que Silva menciona sobre a falta de amor da mãe pela filha, já que se parece tanto com o seu pai, essa questão influencia seu comportamento, fazendo com que ela aja de forma agressiva e impulsiva de modo a estar rebatendo as críticas de sua mãe, que se perdura desde a adolescência até às vésperas do seu casamento “vive com a mãe num clima de permanente hostilidade, pois em tudo se parece com o pai (...) Transferindo para a filha os sentimentos antigos que nutria pelo marido, a mãe consegue finalmente desferrar-se do finado.” (SILVA, 1985, p.105-106).

Mesmo com a discussão e as diferenças entre elas, a mãe entrega para a moça uma medalha que havido sido de sua avó e vem passando gerações para que ela também use em seu casamento, mantendo-se assim a tradição de família, tradição essa que Adriana não faz questão e nem empenho em manter. Quando volta para o seu quarto, Adriana chora sobre o véu e o vestido que está em sua cama, lembrando do seu primeiro e grande amor, que foi a pouco recordado e criticado por sua mãe.

No conto “A Medalha” a figura do gato de Adriana, é a personificação de seu ex amante, seu primo, seu primeiro amor e quem ela ainda alimenta um sentimento. Após a discussão com sua mãe, retorna para o seu quarto e conversa com o gato, relembando a cena da despedida, do momento em que ele foge, abandonando-a debaixo da escada. Escada essa que Silva menciona como sendo responsável por caracterizar o mitoestilo da autora:

Mencionou-se que a imagem da escada é um dos elementos característicos do mitoestilo da autora. Seus degraus, que sempre supõem um movimento, sejam ascendentes ou descendentes, têm o valor simbólico da gradação e da passagem de um nível existencial ou psicológico para outro. A passagem implica ruptura, por isso, simbolicamente, a escada contribui para a criação da atmosfera propícia aos acontecimentos insólitos”. (SILVA, 1987, p. 83)

O mitoestilo é por Silva definido como a caracterização “pela insistência em grupo restrito de temas que se repetem, pela recorrência de certas imagens e situações e pela utilização de determinados artifícios de estilo e de efabulação que tem a propriedade de reforçar o sentido mítico dos temas” (SILVA, 1987, p. 41), ou seja, a escada tão presente nos

contos da autora, aqui é a representação da despedida e da degradação, em que ela se despede de seu amor e precisa seguir sua realidade sozinha a partir daquele momento.

Notamos então, no conto “A Medalha” a busca identidade de quem realmente é Adriana, fazendo com que ela se encare e se descubra, ela é uma mulher rebelde que expressa a perda de seu grande amor e a falta de amor de sua mãe, indo para várias festas e nos braços de diferentes homens, ou uma mulher que de certo modo, busca libertar-se do julgamento e das críticas de sua mãe e da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre os contos de Lygia Fagundes Telles, não é simplesmente falar sobre literatura brasileira, e sim de uma das maiores escritoras brasileiras da atualidade, sua escrita é atual, profunda e detalhista. A autora que tem tantos temas e assuntos para serem abordados chama a atenção ainda mais em relação ao duplo.

Lygia tem o dom de fazer com que seus personagens vivenciem esse duplo, encarem o seu eu interior, busquem autoconhecimento e libertação. Através de sua escrita, independente do gênero literário, conseguimos identificar as questões sociais em que os personagens estão envolvidos, ser o eu, ou ser o que esperam que eu seja. Assim encontra-se a ligação com o passado, com as crenças, o envolvimento do mito com a realidade e o envolvimento do ser com o meio. De algum modo sabemos que os dois vão se encontrar, podendo ser refletidos em imagens, em sonhos, em objetos, independente, a autora fará com que esse encontro aconteça, cedo ou tarde, direto ou indiretamente.

Neste trabalho fizemos uma breve análise dos contos “Antes do Baile Verde” e “A Medalha”, contos estes em que buscamos identificar o duplo nas questões morais dos personagens, na busca por sua identidade. No primeiro a personagem Tatisa tem que se decidir entre duas situações: deixar o seu pai em casa no seu leito de morte e apreciar sua vida tão jovem e cheia de vigor; ou se larga tudo que planejou e esperou para poder passar os últimos momentos ao seu lado. No segundo conto, a personagem Adriana, está prestes a se casar, um casamento aparentemente de conveniência, a personagem busca identificação de quem ela realmente é, alguém que busca se descobrir e se libertar das críticas de sua mãe, e que se casará com um homem preto para causar-lhe um descontentamento ainda maior, provocando-a com suas atitudes e o preconceito.

Baseamo-nos em algumas teorias relacionadas ao duplo e à escrita da autora Lygia Fagundes Telles para a produção deste trabalho, deste modo pudemos mostrar a sua grandeza e sensibilidade mediante aos aspectos vivenciados pela sociedade contemporânea, sua forma de pensar, de se integrar e de criticar o mundo a sua volta aplicando tudo em seus contos, que são bem elaborados e específicos, fazendo com que o leitor se identifique e busque aprofundar-se ainda mais, uma experiência viciante a qual pretendemos dar continuidade em estudos futuros.

REFERÊNCIAS

TELLES, Lygia Fagundes. OS CONTOS/Lygia Fagundes Telles; Posfácio Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 749 p.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. A metamorfose nos contos de Lygia Fagundes Telles / Vera Maria Tietzmann Silva. – Rio de Janeiro: Presença, 1985. 212p.

IGNATTI, Angela Sivalli. Alguma Teoria Acerca Do Duplo E Da Construção Da Identidade. Revista Pandora Brasil, Edição Nº 12, outubro de 2009. Disponível em: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/duplo/identidade.htm. Acessado em: março de 2022.

GALVÃO, Walnice Nogueira. O olhar de uma mulher. In: TELLES, Lygia Fagundes. Os contos. São Paulo: Cia das Letras, 2018.